

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
FACE

VALQUÍRIA LOPES MARTINEZ

ANÁLISE DA EVASÃO ACADÊMICA NO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS -
UFGD

DOURADOS/MS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
FACE

VALQUÍRIA LOPES MARTINEZ

ANÁLISE DA EVASÃO ACADÊMICA NO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS -
UFGD

Trabalho de Graduação II apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof^a. Juliana Maria de Aquino

Banca Examinadora:

Prof. Pedro Rodrigues de Oliveira

Prof^a. Roselaine Bonfim de Almeida

DOURADOS/MS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M385a Martinez, Valquiria Lopes

Análise da evasão acadêmica no curso de Ciências Econômicas - UFGD [recurso eletrônico] /
Valquiria Lopes Martinez. -- 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Juliana Maria de Aquino.

TCC (Graduação em Ciências Econômicas)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Evasão. 2. Ciências Econômicas. 3. Perfil do acadêmico. I. Aquino, Juliana Maria De. II.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**ANÁLISE DA EVASÃO ACADÊMICA NO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS –
UFGD**

VALQUÍRIA LOPES MARTINEZ

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Juliana Maria de Aquino
Presidente

Prof. Dr. Pedro Rodrigues de Oliveira
Avaliador

Prof.^a Dr.^a Roselaine Bonfim de Almeida
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, minha fortaleza em todos os momentos.

À instituição de ensino, Universidade Federal da Grande Dourados, por permitir que eu chegasse até aqui e pelas oportunidades de crescimento tanto pessoal quanto profissional.

À minha orientadora, professora Juliana Maria de Aquino, por toda confiança depositada em mim e por me mostrar que tudo é possível quando nos colocamos à prova, muito obrigada pela atenção, apoio e carinho durante a escrita desse trabalho.

Ao professor Pedro Rodrigues de Oliveira e professora Roselaine Bonfim de Almeida, agradeço pelas contribuições na avaliação do TG I.

A todos os docentes do curso de Ciências Econômicas da UFGD, agradeço pelos ensinamentos e incentivo nessa jornada. Agradeço também a secretária do curso, Ariane Moreti, pela prestatividade e cordialidade.

À minha família que mesmo distante, torceu por mim e não me deixou desanimar durante essa caminhada, gratidão!

Ao Maurício que se fez presente em todos os momentos que precisei de auxílio e compreensão, você é luz na minha vida, obrigada!

Às amigas Juliana e Maria Cristina, agradeço pela amizade e parceria durante esses anos de dedicação e conquistas.

Agradeço à Daiane, Priscila e Walkiria por terem sido minha família em Dourados e por dividirmos tantas histórias.

A todos que direta ou indiretamente estiveram comigo nessa caminhada desde o início, agradeço porque sei que não seria possível sem vocês!

RESUMO

Este trabalho buscou mensurar a taxa de evasão acadêmica do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e a evolução dessa taxa no período de 2009 a 2016. Também se buscou identificar os fatores que influenciam na decisão de abandonar o Curso e sugerir intervenções cabíveis para contornar esse cenário. A metodologia utilizada permitiu analisar a taxa de desistência anual, o perfil dos acadêmicos que abandonaram o curso e, através da pesquisa qualitativa realizada com os alunos que já evadiram, foi possível diagnosticar alguns dos motivos que contribuem para o alto índice de evasão no Curso em questão. Os principais resultados da pesquisa mostraram que o curso apresentou uma taxa de evasão de 56,99% no período analisado, a desistência ocorre em proporção maior nos primeiros anos do curso, com alunos na faixa etária de 27 a 36 anos, e está associada aos alunos que ingressaram por outra forma de seleção, desconsiderando o Vestibular e o Enem. O questionário aplicado, ainda que suas informações não possam ser generalizadas para a população de alunos evadidos, evidenciou que os motivos que levaram os acadêmicos a desistirem da graduação são mais de caráter externo à Instituição.

Palavras-chave: Evasão; Ciências Econômicas; Perfil do acadêmico.

ABSTRACT

This study sought to measure the academic avoidance rate of the Economic Sciences course of the Federal University of Grande Dourados (UFGD) and the evolution of this rate in the period from 2009 to 2016. It was also sought to identify the factors that influence the decision to leave the Course and suggest appropriate interventions to circumvent this scenario. The methodology used allowed us to analyze the annual dropout rate, the profile of the students who left the course and, through the qualitative research carried out with the students who had already escaped, it was possible to diagnose some of the reasons that contribute to the high dropout rate in the Course in question. The main results of the study showed that the course had an evasion rate of 56.99% in the analyzed period, dropout occurs in a higher proportion in the first years of the course, with students in the age group of 27 to 36 years, and is associated with students who entered another form of selection, disregarding Vestibular and Enem. The applied questionnaire, although its information can not be generalized to the population of students who have been evaded, showed that the reasons that led the scholars to give up the graduation are more external character to the Institution.

Keywords: Evasion; Economic Sciences; Academic profile.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Taxa de desistência anual dos alunos do curso de Ciências Econômicas 2010-2016	24
Tabela 2- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por gênero e condição de evasão	25
Tabela 3- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por idade de ingresso no curso	26
Tabela 4- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por condição de deficiência.....	27
Tabela 5- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo com as formas de ingresso	28
Tabela 6- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo a participação nas atividades do curso	30
Tabela 7- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo com auxílios recebidos durante o curso	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição de alunos que evadiram por ano que estavam no curso.....	25
Gráfico 2: Taxa de evasão por gênero	26
Gráfico 3: Taxa de evasão por faixa de idade dos alunos	27
Gráfico 4: Taxa de evasão por condição de deficiência	28
Gráfico 5: Taxa de evasão por forma de ingresso	29
Gráfico 6: Taxa de evasão dos alunos que participaram de atividades extracurriculares	31
Gráfico 7: Taxa de evasão entre os alunos que recebiam auxílios	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Definição da problemática	10
1.2 Objetivos	11
1.3 Justificativa	11
1.4 Estrutura do trabalho	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1 Teoria do capital humano	13
2.1.2 Educação Superior	14
2.2 Evasão e suas múltiplas faces	16
3. METODOLOGIA	20
3.1 Área de estudo	20
3.2 Tipo de Pesquisa e fonte de dados	21
3.3 Método de análise	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1 Análise da Evasão a partir do Censo da Educação Superior	23
4.2 Análise da Evasão por meio da pesquisa qualitativa	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE A – TABELAS DOS TESTES DE DIFERENÇAS DE PROPORÇÕES	42
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA EX-ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UFGD	46

1. INTRODUÇÃO

A Educação, em contexto geral, é o ato de educar, de instruir, de dar polidez e disciplinamento. No Brasil, de acordo com as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a educação divide-se em dois níveis: a educação básica (formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e o ensino superior (BRASIL, 1996).

Segundo o Art. 22 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. O filósofo e teórico René Hubert define educação como um conjunto de ações e influências exercidas voluntariamente por um ser humano em outro, normalmente de um adulto a um jovem. Essas ações pretendem alcançar um determinado propósito no indivíduo para que ele possa desempenhar alguma função nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos de uma sociedade (apud FALCÃO; AMARAL, 2010).

Com relação à Educação Superior, nos últimos anos houve um notável processo de crescimento no número de matrículas nos cursos de graduação. Enquanto que em 2013 eram 7.305.977 matrículas, esse número aumentou significativamente para 8.286.663, em 2017, conforme informações da Sinopses Estatísticas da Educação Superior (2017). No entanto, o que parece aumentar ainda mais é a diferença no número de matrículas nas Instituições Públicas e Privadas. Segundo dados dessa mesma avaliação, 2.045.356 das matrículas foram em instituições públicas em 2017, enquanto que em 2016 esse número era de 1.990.078 (variação de 2,7%). Nas instituições privadas, o número de matrículas em 2017 foi de 6.241.307, enquanto que em 2016 perfazia o número de 6.058.623 matrículas, correspondendo a uma variação de 3,0% (INEP, 2017).

Concomitantemente com o aumento do número de matrículas na Educação Superior, como exposto pelos dados do Inep, existe um alto índice de evasão dos cursos, tanto no setor público, quanto privado. Partindo dessa perspectiva, o presente trabalho pretende focar no elemento evasão, pois se trata de um assunto complexo e comum às instituições universitárias no mundo contemporâneo (CRUZ; HOURI, 2017).

1.1 Definição da problemática

Segundo dados do Instituto Lobo (2017), não houve muitas alterações na taxa de evasão no Ensino Superior nos últimos dez anos, uma notícia não tão boa, visto que a taxa de

evasão fica numa média anual de aproximadamente 22%, com pequenas variações de ano para ano (LOBO; FILHO, 2017). Nessa mesma pesquisa, foi possível observar as taxas de evasão por áreas específicas de formação, segundo a definição da OCDE¹, e também divididos em setor público e privado.

Os cursos com menores índices de evasão no setor público foram: Artes (4%), Direito (5%), Saúde e Veterinária (6%) e Arquitetura (7%). No setor privado, os menores índices são dos cursos de Direito (18%), Agricultura (19%) e Serviço Social e Veterinária (21%). Em contrapartida, os cursos com maiores taxas de evasão no setor privado são Matemática e Estatística (39%), Jornalismo (34%), Serviços Pessoais ²(33%) e Computação (31%). Já no setor público, as maiores taxas de evasão se dão nos cursos de Matemática (30%) e Computação (22%) (LOBO; FILHO, 2017).

Neste contexto, este trabalho pretende responder às seguintes questões: O que leva os alunos a abandonarem o curso de graduação? Como os gestores educacionais podem intervir e tentar reverter essa situação?

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar a evasão no curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da UFGD, no período de 2009 a 2016.

Especificamente, pretende-se:

- Mensurar o número de alunos que deixam o curso no decorrer da graduação e a evolução dessa evasão ao longo dos anos;
- Identificar os fatores que levam o aluno a abandonar seu curso;
- Sugerir as intervenções cabíveis aos gestores para que esse cenário mude.

1.3 Justificativa

Em virtude da evasão em grandes proporções percebidas em Instituições de Ensino Superior – IES, o assunto tem sido alvo de inúmeros estudos. A evasão é considerada uma

¹ Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

² Cursos normalmente com grau tecnológico como Estética e Cosmética, Beleza, Estética e Imagem pessoal e áreas afins.

perda, não só para o aluno, mas também para a instituição em que está matriculado, e para a sociedade como um todo (NAGAI; CARDOSO, 2017).

Nagai e Cardoso (2017) argumentam que, em âmbito pessoal, há uma sensação de perda, frustração por não conseguir concluir o curso e ter que abandonar a faculdade. A instituição tem uma perda significativa por não conseguir manter o aluno no curso e, com isso, o recurso financeiro investido nesse aluno fica ocioso e não traz o retorno esperado. No aspecto social, há de se concordar que quanto menos pessoas terminam o curso superior, se reduz o capital social de determinada comunidade.

Pessoas com nível de estudo maior tendem a colaborar com o desenvolvimento da sociedade na qual estão inseridos, pois cooperam com serviços comunitários, utilizam menos serviços públicos e cometem menos crimes (NAGAI; CARDOSO, 2017).

Para Vitelli e Fritsch (2016), a evasão escolar tem se mostrado um problema que impacta a educação sob variadas perspectivas e afeta os discentes, as instituições de ensino, os sistemas de ensino e a sociedade em geral. Problema esse que causa preocupação para instituições públicas e privadas, pois a saída dos discentes gera graves consequências sociais, acadêmicas e econômicas (BAGGI; LOPES, 2011).

A evasão ocorre quando o aluno inicia o curso, mas não o termina, por quaisquer outros motivos que não seja a diplomação, sendo caracterizada como um processo de exclusão determinado por variáveis internas e externas às instituições de ensino. Dessa forma, a evasão pode ser vista como um fenômeno complexo e que precisa ser compreendida levando-se em conta as questões socioeconômicas, políticas e culturais além do contexto educacional das instituições de ensino (FRITSCH; ROCHA; VITELLI, 2015 apud VITELLI; FRITSCH, 2016).

Devido aos reduzidos estudos dessa problemática no Estado de Mato Grosso do Sul, e principalmente na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), essa pesquisa é de grande relevância, tanto para a comunidade acadêmica quanto para a sociedade, por se tratar de uma Universidade pública de onde se espera o retorno pelo investimento em educação pública e de qualidade.

1.4 Estrutura do trabalho

O trabalho está estruturado em 3 seções, incluindo-se a introdução que contempla a definição da problemática, objetivos e justificativa. A segunda seção é a revisão bibliográfica, que aborda assuntos relacionados ao capital humano, educação superior e revisão de literatura

sobre o tema proposto, a evasão. Na terceira seção se apresenta a metodologia do estudo, que contempla a área de estudo, tipo de pesquisa e obtenção e análise dos dados. Por fim, apresentam-se os resultados da pesquisa, assim como as considerações finais.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Esta seção apresenta a revisão teórica sobre o tema, além da revisão de literatura sobre o problema exposto e estudos já realizados.

2.1 Teoria do capital humano

Para Mincer (1958), há um indicativo de que existe uma correlação entre investimento na educação e melhoria na renda pessoal. Sendo assim, o indivíduo deve escolher entre dispor do seu tempo para investir em qualificação e, posteriormente, aplicar seus conhecimentos no setor profissional e melhorar a sua renda e produtividade, ou permanecer no seu nível de estudo e não ascender profissionalmente e nem colaborar para o crescimento da economia. Schultz (1964), um dos precursores dessa teoria, enfatizava que a qualificação e o aperfeiçoamento da população resultante do investimento em educação aumentariam o nível de produção e, conseqüentemente, o lucro dos empregadores, gerando um crescimento da economia como um todo (apud VIANA; LIMA, 2010).

Outro autor que compartilha da mesma teoria, Gary Becker (1993), tinha como principal preocupação a escolha dos indivíduos em investir em educação, levando em conta os custos e benefícios como a melhoria na renda, aumento no seu nível cultural e outros retornos não-monetários. Sendo assim, o aumento do nível de capital humano propicia elevação dos lucros, conhecimento e habilidades advindos da qualificação e capacidade de resolver problemas, contribuindo para o desenvolvimento do sistema econômico e social (apud VIANA; LIMA, 2010).

O retorno advindo do investimento em qualificação profissional é tido como benefício do trabalhador, do empregador, ou de ambos, e esses investimentos podem ser partilhados ou não. Os empregadores podem partilhar dos retornos com os empregados e investimentos em treinamentos específicos em habilidades, porque entendem que há uma relação positiva, tanto para a organização quanto para o trabalhador. No entanto, os estudos definem que o treinamento geral retorna para o trabalhador (KESSLER; LULFESMANN, 2006 apud KAROLCZACK; SOUZA, 2017).

De acordo com Karolczack e Souza (2017), o indivíduo pode usar de variadas formas para se qualificar, entre elas treinamentos e formação nos três níveis de escolaridade (básico, intermediário e superior). Essa qualificação pode ocorrer em termos de mobilidade interna, que é a formação ou qualificação por meio de treinamentos *on the job* e educação formal oferecidos pela organização, e mobilidade externa, que é a busca por formação em locais como instituições e/ou ambientes adequados, que oportunizem as condições necessárias para o desenvolvimento do conhecimento, acrescentando em seu estoque de capital humano individual e, conjuntamente, na melhoria de qualidade de vida.

2.1.2 Educação Superior

De acordo com McCowan (2015, pág. 165), “O direito a educação superior, portanto, deve ser visto no contexto de um direito geral à educação, que dura a vida inteira”, se tornando assim uma das várias opções para aprendizagem de jovens e adultos, juntamente com outras formas de qualificação profissional, técnica, atividades criativas e artísticas, além de desenvolvimento pessoal.

A partir da primeira década do século XXI, houve um crescimento acelerado na demanda pelo acesso ao ensino superior por jovens e adultos, que tiveram essa demanda reprimida por muitas décadas. Devido às limitações na oferta de vagas nas instituições públicas, essa demanda foi para o setor privado. Para reverter essa situação, o governo federal, além dos governos estaduais e alguns municipais, passou a implementar e ampliar programas de democratização de acesso ao ensino superior (CARMO *et al.*, 2014).

De acordo com Carmo *et al.* (2014), durante o governo Lula se deu ênfase à ampliação de políticas que visavam a democratização do ensino superior. Foram tomadas várias medidas para a criação de programas de incentivo e permanência do estudante na universidade, tais como o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), além da ampliação do programa de Financiamento Estudantil (Fies).

Cabe ressaltar a importância do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como programa mais representativo na avaliação do ensino médio e como processo de seleção para o acesso ao ensino superior. Na sua primeira edição, em 1998, teve um número não muito expressivo. Posteriormente, como meio de facilitar a adesão à avaliação, os alunos de escolas públicas conquistaram a isenção da taxa para realização do exame. A popularização do Enem

aconteceu na edição de 2004, com a instituição do Prouni, tendo como critério de concessão de bolsas em universidades privadas a nota obtida na avaliação (CARMO *et al.*, 2014).

As instituições públicas também passaram a utilizar a nota do Enem como critério total ou parcial para seleção, em substituição ao vestibular, ou atuando paralelamente a este. Outra forma de seleção para universidades públicas é o Sistema de Seleção Unificado (SISU), sistema informatizado que é utilizado como ferramenta de seleção de alunos para o ensino superior com base também na nota do Enem (CARMO *et al.*, 2014).

O Prouni é um dos programas que dá oportunidades aos estudantes que se candidatam às vagas em universidades particulares, concedendo bolsas de forma integral e parcial, de acordo com o nível de renda que o candidato possui no momento que faz sua inscrição. Outro critério utilizado para concessão de bolsa é ter cursado todo o ensino médio em escola pública ou em escola particular como bolsista. Ainda de acordo com Carmo *et al.* (2014, pág. 308):

[...]Com o Reuni, o governo federal promoveu uma retomada do crescimento do ensino superior público, favorecendo a expansão física, acadêmica e pedagógica das universidades federais. As ações do Reuni visam a interiorização do ensino superior, o aumento de vagas nas graduações, a ampliação dos cursos noturnos e o combate à evasão.

Outro instrumento de grande importância de acesso ao ensino superior é o Fies, forma de financiamento dos estudos para estudantes de instituições privadas. O programa já existia, mas foi no período de 2009 a 2010 que teve suas maiores alterações devido às demandas da sociedade por políticas de acesso à educação universitária (CARMO *et al.*, 2014). Atualmente, o Fies é operado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE.

Ainda sobre o Fies, Júnior e Pedrosa (2018) apresentam em seu artigo os desafios e melhorias que podem ser alcançados através das modificações trazidas pela Lei nº 13.530/2017, do novo Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), salientando que é preciso melhorar a qualidade da carteira de financiamentos da modalidade antiga. Até o momento, os índices de inadimplência ultrapassaram 50% para os estudantes em fase de amortização, o que gera maior preocupação é que quando a maior parte da carteira chegar a fase de pagamento, o prejuízo para a União pode passar de R\$30 bilhões (ALMEIDA JÚNIOR; PEDROSA, 2018).

Ante o exposto, cabe ressaltar a importância dos programas de permanência dos estudantes de graduação nas universidades após a implementação das políticas de democratização de ensino superior. Destaca-se, nesse cenário, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituído pelo Ministério da Educação – MEC, por meio da Portaria Normativa nº 39 de 12 de dezembro de 2007, considerando a assistência estudantil

como estratégia de combate às desigualdades sociais e regionais, bem como importante para a ampliação e democratização das condições de acesso e permanência aos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos na educação superior (MACIEL; LIMA; GIMENEZ, 2016).

Posteriormente, o Decreto 7.234, de 19 de julho de 2010 (BRASIL, 2010), instituiu o PNAES nas universidades federais, que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal. De acordo com seu § 1º, as ações de assistência estudantil deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no desenvolvimento de ações de permanência embasada no PNAES, conta com a bolsa permanência. Uma bolsa concedida pela instituição no valor de R\$400,00, visando a permanência do estudante na universidade, principalmente aqueles com vulnerabilidade social. Além disso, há o auxílio alimentação (concedido aos acadêmicos que comprovem ser alunos de baixa renda *per capita* de até um salário mínimo), auxílio moradia (o qual é concedido para acadêmicos através de processo seletivo), e auxílio emergencial (que atende aos alunos em vulnerabilidade) (MACIEL; LIMA; GIMENEZ, 2016).

Levando-se em consideração que muitos dos alunos atendidos por esses programas são de outras cidades e/ou estados, isso colabora para que o aluno permaneça na universidade e tenha uma ajuda para custear seus gastos com alimentação, transporte, compra de materiais acadêmicos, podendo contribuir para a diminuição da evasão.

Além dos programas bolsa permanência, auxílio alimentação e moradia, a UFGD possui outros programas que complementam sua política de assistência ao estudante, dentre os quais destacam-se a iniciação científica, apoio pedagógico, cursos de língua, incentivo a participação em eventos, mobilidade acadêmica, atendimento psicossocial, inclusão digital, bolsas de extensão, monitoria e tutoria (MACIEL; LIMA; GIMENEZ, 2016).

2.2 Evasão e suas múltiplas faces

A evasão universitária é um problema que atinge várias Instituições de Ensino Superior, tanto na esfera pública quanto na privada. Nesse cenário, há uma perda considerável em âmbito social, financeiro e acadêmico, em virtude do grande número de evasão nos cursos de graduação em várias instituições do país. Dessa forma, intensificam-se estudos que visam

identificar quais as variáveis que contribuem para o possível abandono do curso (CUNHA; NASCIMENTO; DURSO, 2016).

O grande percentual de evasão do curso de Física da UFRJ, percebido nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000, fizeram com que houvesse um estudo voltado a descobrir qual o perfil dos alunos que abandonam o curso e qual o papel da instituição nesses casos. Com a análise dos dados obtidos através de informações dos acadêmicos e questionários, observou-se que a maior porcentagem de abandono está nos anos iniciais do curso, seja por mal desempenho, descoberta de que não é sua vocação profissional, ou problemas com a metodologia utilizada pelos docentes nessas disciplinas iniciais do curso. Há grupos que abandonam o curso de fato, fazem transferências para cursos da própria universidade sem necessidade de mudar a matrícula, ou desistem para fazer outro vestibular (BARROSO; FALCÃO, 2004).

No caso específico do curso de Ciências Contábeis, de 6 instituições do sudeste do Brasil, Cunha, Nascimento e Durso (2016) averiguaram que não há uma porcentagem significativa de alunos que pretendem abandonar o curso. Os autores ressaltam que isso pode estar influenciado pelo fato de que os alunos participantes das entrevistas estavam no primeiro ano da graduação e entusiasmados com a aprovação no ensino superior. A coleta de dados se deu por meio de aplicação de questionário, envolvendo três etapas de perguntas: a primeira sobre a questão socioeconômica, a segunda sobre os motivos que levaram a escolha do curso e a terceira sobre quais seriam as possíveis variáveis que influenciariam na decisão de evadir.

Diogo *et al* (2016) identificaram em seu estudo as concepções e iniciativas de coordenadores de cursos de graduação de uma IES pública em relação a evasão nos cursos que apresentam um índice mais elevado de alunos que abandonam o curso. Para tanto, foram entrevistados individualmente coordenadores de 10 cursos de graduação. Percebeu-se que a evasão e reprovação são identificados claramente pela coordenação, no entanto, há uma divergência entre os métodos adotados para tentar reverter essa situação.

De maneira geral, os entrevistados citam que os fatores que mais contribuem para a reprovação ou evasão dos estudantes são externos ao ambiente acadêmico como, por exemplo, alunos mal preparados pelo ensino fundamental e médio; ideias equivocadas sobre o curso; o nível de exigência do curso é incompatível aos dos alunos; possuem condição socioeconômica desfavorável (o que os leva a procurar trabalho remunerado em período paralelo ao curso, o que faz com que diminua seu tempo de estudo); e falta de interesse por parte do aluno. Outro agravante é que a maioria dos cursos não realizava avaliações institucionais, o que não permitia ter uma visão contextual do problema (DIOGO *et al*, 2016).

Percebeu-se que havia iniciativas isoladas e bem-intencionadas que tentavam minimizar o problema como, por exemplo, o atendimento extraclasse por alguns professores. Alguns adotaram a prática de monitoria (apoio aos alunos com dificuldades por acadêmicos com alto desempenho, auxiliando os professores), coordenador como mediador entre docente e aluno para resolver possíveis conflitos, realização de atividades integrativas, incentivo a realização de estágios voltados para área de estudos, etc. Mas de acordo com os entrevistados, algumas ações têm efetividade reduzida, pois os alunos não buscam o atendimento (DIOGO *et al.*, 2016).

Em um estudo de caso, Barbosa *et al.* (2017) analisaram o fenômeno da evasão após a adoção do Sistema de Seleção Unificada (SISU) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Para verificar se o fator evasão de fato foi maior após a adoção do SISU, os pesquisadores compararam dados anteriores ao SISU com dados posteriores.

Os dados foram obtidos com a própria instituição, que também mantém um acompanhamento desses números de evasão e evidenciam a importância de práticas que permitam a permanência do estudante na UFU. Após a coleta de informações, os dados foram classificados e sintetizados e, posteriormente, foi aplicado o teste estatístico binomial. Além de uma análise geral da Universidade, o trabalho foi realizado por área de conhecimento. Tendo como maiores taxas de evasão após a adoção do SISU, as áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Ciências Exatas e da Terra. Os resultados inferem que o SISU pode ter afetado a evasão na UFU, mas os impactos são diversos, conforme área de conhecimento, ou talvez, conforme o curso (BARBOSA *et al.*, 2017).

Guimarães e Monsueto (2017) buscam evidenciar qual o perfil dos acadêmicos que são propensos a evadir de determinado curso. A área de estudo foi a Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas (FACE) da UFG. Os autores verificaram a existência de vários estudos que analisam o fato após ocorrido, e buscaram então antecipar o fenômeno. A análise feita de maneira quantitativa partiu do pressuposto de que os alunos evadem por questões sociais e econômicas, além de fatores motivacionais.

Um questionário foi utilizado para captar as informações necessárias, buscando relacionar características pessoais e motivacionais que poderiam levar o estudante a evadir. O questionário foi aplicado em sala de aula com a ajuda de docentes que cederam um tempo de suas disciplinas (GUIMARÃES; MONSUETO, 2017).

Entendendo que havia possibilidade de que a amostra não contemplasse os alunos que já haviam decidido evadir, e por esse motivo não frequentavam mais as aulas, ou ainda, os alunos que não desistiram totalmente, o questionário foi enviado posteriormente por e-mail

para que os alunos que não estavam presentes em sala de aula pudessem participar da pesquisa (GUIMARÃES; MONSUETO, 2017).

Após análise, constatou-se que os alunos da FACE são em sua maioria homens, e o curso com menor número de mulheres é o de Ciências Econômicas. Nesse trabalho foi possível também incluir variáveis como renda, questões de cotas raciais e motivacionais para manter o aluno no curso. O modelo utilizado para obtenção de dados foi o PROBIT (GUIMARÃES; MONSUETO, 2017).

Ao final, ficou evidente que os motivos para os alunos dos três cursos evadirem são distintos, (GUIMARÃES; MONSUETO, 2017, pág.21).

Por exemplo, no curso de Administração, mulheres, alunos cotistas e aqueles que tem incompatibilidade de horários têm mais tendência a abandonar a faculdade. Por outro lado, na graduação em Ciências Contábeis apenas fatores ligados ao relacionamento entre os discentes, ao processo de escolha da carreira e a insegurança em relação ao mercado de trabalho influenciam a decisão. Enquanto que, em Ciências Econômicas, homens, migrantes e alunos com baixo desempenho têm maior probabilidade de desertar. Apesar destas diferenças, é possível afirmar que, nos três casos, fatores relacionados com a escolha da formação, o desempenho acadêmico, as expectativas sobre o mercado de trabalho e relacionamento são mais importantes para explicar abandono que características sociais do indivíduo.

Ambiel e Barros (2018), através de um estudo exploratório, investigaram a correlação entre adaptação acadêmica e motivos para evasão do ensino superior, por meio da Escala de Motivos para evasão no ensino superior (M-ES) e do Questionário de Adaptação ao Ensino Superior (QAES).

A pesquisa possibilitou uma análise concentrada em fatores adaptativos, como projeto de carreira, adaptação social, emocional, adaptação ao estudo e adaptação institucional (QAES), correlacionados a motivos institucionais, vocacionais, relacionados à falta de suporte, à carreira, ao desempenho acadêmico, motivos interpessoais e relacionados a autonomia (M-ES) (AMBIEL; BARROS, 2018).

Através dos resultados, os autores perceberam que alunos que têm maior clareza do seu projeto de carreira tem menor propensão a evadir-se do curso, pois a segurança quanto a sua escolha de carreira pode estar relacionada a atitudes autônomas, o que o leva a ter uma correlação positiva com a variável *motivos relacionados à autonomia*. Sendo assim, quanto mais o aluno estiver adaptado ao curso, menores são as chances de evadir por motivos relacionados à carreira. Outro fator importante é a questão de vínculos afetivos com os colegas e demais componentes da instituição (coordenação, professores, secretários), pois traz uma sensação de pertencimento ao aluno e pode influenciar na decisão de permanência (AMBIEL; BARROS, 2018)

Por fim, o estudo sugere que a variável renda pode influenciar na adaptação dos alunos ao ensino superior e potencializar ou minimizar os motivos para a evasão, no que se refere ao suporte financeiro e social (AMBIEL; BARROS, 2018).

Em suma, ao analisar os diferentes textos apresentados na revisão de literatura, pode-se perceber que há uma evolução nos estudos sobre evasão e que isso emerge da preocupação das instituições acerca do alto índice de abandono dos cursos de graduação. Apesar do avanço nos estudos, é compreensível que não se tenha uma definição exata sobre o termo “evasão”, visto que é um fenômeno complexo e com características distintas dos estudantes que englobam cada instituição.

Um fato que deve ser observado com maior ênfase é a questão vocacional do acadêmico, presente em todos os estudos de casos apresentados, evidenciando que se o aluno não estiver convicto de sua escolha é muito provável que não chegue ao final do curso e, portanto, aumente a estatística do problema de evasão nas IES do Brasil.

Com base nesse contexto, o presente trabalho busca evidenciar quais são os fatores determinantes da evasão no curso de Ciências Econômicas da UFGD, e de acordo com os resultados obtidos sugerir possíveis intervenções que possam mudar o cenário atual e fazer com que os alunos mantenham interesse pelo curso e finalizem a graduação com êxito.

3. METODOLOGIA

Esta seção apresenta os procedimentos utilizados para a construção e validação deste trabalho. Pode-se classificá-la da seguinte maneira:

- 1) Área de estudo;
- 2) Tipo de pesquisa e fonte de dados;
- 3) Método de análise

3.1 Área de estudo

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, é necessário conhecer um pouco da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE, visto que o foco do estudo está voltado para essa instituição.

A UFGD está localizada na cidade de Dourados no sul do estado de Mato Grosso do Sul, e foi instituída em 29 de julho de 2005, pela lei nº 11.153. Atualmente, oferece 32 cursos de graduação divididos entre suas 12 faculdades, além dos cursos de Pós-Graduação e

Especialização, que atendem estudantes de toda a região de Dourados e de vários outros estados do Brasil. Dentre as faculdades instaladas no Campus II da universidade, está a FACE, que foi instituída em 2006 e contempla o curso de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas, que é o curso mais novo entre os três. Essa será a área de estudo e desenvolvimento da pesquisa que irá retratar o tema da evasão.

3.2 Tipo de Pesquisa e fonte de dados

Como o curso de Economia é um curso específico oferecido pela FACE, o tipo de pesquisa abordado será de análise quantitativa e análise qualitativa, através da aplicação de um questionário.

Como fonte de dados, destaca-se o Censo da Educação Superior, além das informações fornecidas pela secretaria do curso em questão sobre os alunos. O Censo da Educação Superior reúne informações sobre as instituições de ensino superior, seus cursos de graduação presencial ou à distância, cursos sequenciais, vagas oferecidas, inscrições, matrículas, ingressantes e concluintes, e informações sobre os docentes nas diferentes formas de organização acadêmica e categoria administrativa.

A análise qualitativa será realizada a partir dos dados primários coletados por meio de um questionário próprio, que conta com perguntas sobre a vida acadêmica e pessoal do estudante que já evadiu, com objetivo de entender de forma mais detalhada o que de fato motivou a sua saída do curso.

Os dados analisados serão a partir de 2009, ano de criação do curso de Economia na UFGD, até os dados mais recentes do ano de 2016.

3.3 Método de análise

Para o cálculo da taxa de evasão anual, será utilizada uma fórmula baseada no modelo desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), onde constam os fatores que estão relacionados com a desistência do curso, a chamada Taxa de Desistência Anual (TDA), definida a seguir.

A Taxa de Desistência Anual (TDA) é definida como o percentual do número de estudantes que saíram (desvinculado ou transferido) do curso no ano t , em relação ao número de estudantes ingressantes no curso do ano $t-1$, subtraindo-se o número de estudantes falecidos do curso até o ano t :

$$TDA = \frac{\sum_{i=1}^{n_1} Des_t + \sum_{i=1}^{n_2} Transf_t}{\sum_{i=1}^{n_3} IG_{t-1} - \sum_{t-1}^t \sum_{i=1}^{n_4} Fal} \cdot 100$$

Em que:

t = ano corrente e t -1= ano anterior ao ano corrente

Des = estudante com situação de vínculo igual a “desvinculado do curso” no ano t.

Transf = estudante com situação de vínculo igual a “transferido para outro curso da mesma Ies” no ano t.

IG = número total de ingressantes no curso no ano t -1.

Fal = estudante com situação de vínculo igual a “Falecido” do ano t -1 até o ano t.

n_1 = total de alunos desvinculados no ano t

n_2 = total de alunos transferidos no ano t

n_3 = total de alunos ingressantes no ano t -1

n_4 = total de alunos falecidos do ano t -1 ao ano t

Além de calcular a taxa de evasão, será possível caracterizar, a partir de uma análise descritiva de médias e proporções, o perfil dos alunos que evadiram. Esta análise irá envolver variáveis como: sexo, idade, forma de ingresso na universidade, bem como o uso de variáveis que envolvem a inserção dos alunos nas atividades extracurriculares oferecidas pela universidade (estágio, projeto de extensão, monitoria, grupo de pesquisa) e se receberam algum tipo de auxílio durante o curso, como Bolsa Permanência, Apoio Moradia ou Auxílio Alimentação.

E para a verificação estatística dos resultados obtidos sobre as variáveis estudadas, serão realizados testes de diferença de proporções, a partir do software Stata/SE 11.0. O teste será feito conforme fórmula abaixo:

$$Z = \frac{p_1 - p_2}{\sigma_{p_1-p_2}}$$

Em que:

p_1 e p_2 = são as proporções obtidas em duas amostras de tamanhos distintos retiradas de duas populações.

$\sigma_{p_1-p_2}$ = desvio padrão da diferença entre as proporções.

Para complementação e enriquecimento do trabalho desenvolvido, será utilizada uma pesquisa qualitativa. Esta pesquisa contará com a aplicação de um questionário próprio, composto por 13 perguntas sobre alguns aspectos da vida acadêmica e pessoal do aluno, bem como suas impressões do curso de graduação e os motivos que o levaram a abandonar o curso. Portanto, o questionário será utilizado como meio para captar e entender os motivos que levaram o estudante a desistir do curso. Cabe ressaltar que o questionário será enviado via e-mail aos alunos que evadiram do curso entre os anos de 2009 a 2016, alunos que tinham e-mail cadastrado nas bases de dados do curso. Dado isso, existe a possibilidade de que grande parte da amostra não responda ao questionário por falha na entrega do e-mail, ou mesmo por não utilizar o e-mail cadastrado nas bases de dados.

O referido questionário encontra-se disponível para consulta no apêndice B.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise da Evasão a partir do Censo da Educação Superior

Realizando o cálculo da Taxa de Desistência Anual (TDA) para os anos de 2010 a 2016, por meio da fórmula explicitada na sessão anterior, os resultados foram obtidos da seguinte maneira: para o ano de 2010, por exemplo, a quantidade de alunos desvinculados (Des) e transferidos (Transf), que correspondem ao ano t, são dados do ano de 2010, e a quantidade de alunos Falecidos (Fal) são dados de 2009 a 2010. Já a quantidade de ingressantes (IG), que corresponde ao ano t-1, foi coletada do ano de 2009.

Portanto, para encontrar a TDA do ano de 2010, os valores utilizados foram: Des= 14; Transf= 0; Fal= 0 e IG= 49. Com o resultado multiplicado por 100, foi gerada uma taxa de desistência de 28,5% para o ano de 2010. A mesma operação foi utilizada para os anos seguintes.

Na tabela 1, pode-se observar que no ano de 2011 ocorreu a menor taxa de desistência anual, se comparada com os outros anos. Em 2010, obteve-se a primeira taxa de desistência desde a criação do curso em 2009, representando a segunda menor taxa (28,5%). Em 2012, a taxa saltou para 83,9%, e percebe-se que nos anos de 2013 e 2014 ocorreu uma redução na taxa de desistência para 60,8% e 70%, respectivamente. O que surpreende é a taxa de 114,2% registrada em 2015, e em 2016 a taxa apresentou uma redução chegando a 64,3%.

Os resultados encontrados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1- Taxa de desistência anual dos alunos do curso de Ciências Econômicas 2010-2016

Ano de referência	Taxa de desistência
2010	28,5%
2011	10%
2012	83,9%
2013	60,8%
2014	70%
2015	114,2%
2016	64,3%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

A pesquisa realizada com as informações do Censo da Educação Superior também permitiu checar variáveis que tendem a contribuir para a evasão dos alunos do curso de Ciências Econômicas da UFGD. No período analisado, de 2009 a 2016, a amostra a ser estudada compreende 479 alunos, dos quais 273 acabaram deixando o curso, ou seja, 56,99% do total de alunos evadiram. Por meio do gráfico 1, pode-se verificar em quais períodos do curso a evasão é maior.

A maioria dos alunos evade nos primeiros anos do curso, como pode-se observar no gráfico 1, 35,89% dos acadêmicos que evadiram do curso de Ciências Econômicas estavam no primeiro ano do Curso quando desistiram do mesmo. A segunda maior proporção de alunos que evadiram encontra-se no segundo ano (27,47%), reforçando a hipótese de que o aluno pode não estar se identificando com o curso, ou pode estar se defrontando com a dificuldade das disciplinas, e decide abandonar o curso ou fazer outro vestibular.

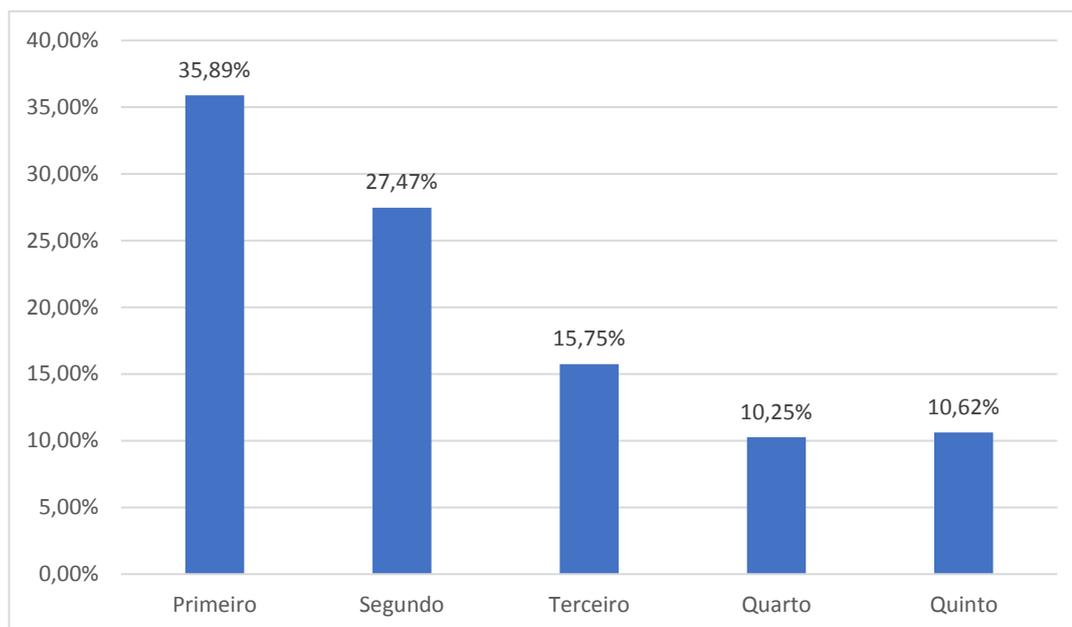


GRÁFICO 1- Distribuição de alunos que evadiram por ano que estavam no curso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Nas análises seguintes, apresentam-se os resultados da análise descritiva realizada a partir dos dados do Censo da Educação Superior para as variáveis gênero, idade de ingresso, pessoa com deficiência, formas de ingresso no curso, participação do aluno no curso e auxílio estudantil. Por meio desses resultados é possível caracterizar os alunos de acordo com sua condição de evasão.

Tabela 2- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por gênero e condição de evasão

Gênero	Todos os alunos	Alunos que Evadiram	Alunos que Não evadiram
Homem	62,84%	63%	62,62%
Mulher	37,16%	37%	37,38%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Uma informação interessante obtida por meio da tabela 2 é de que o curso é composto em sua maior parte por estudantes do sexo masculino (62,84%), enquanto que as mulheres representam 37,16% do total de acadêmicos do curso.

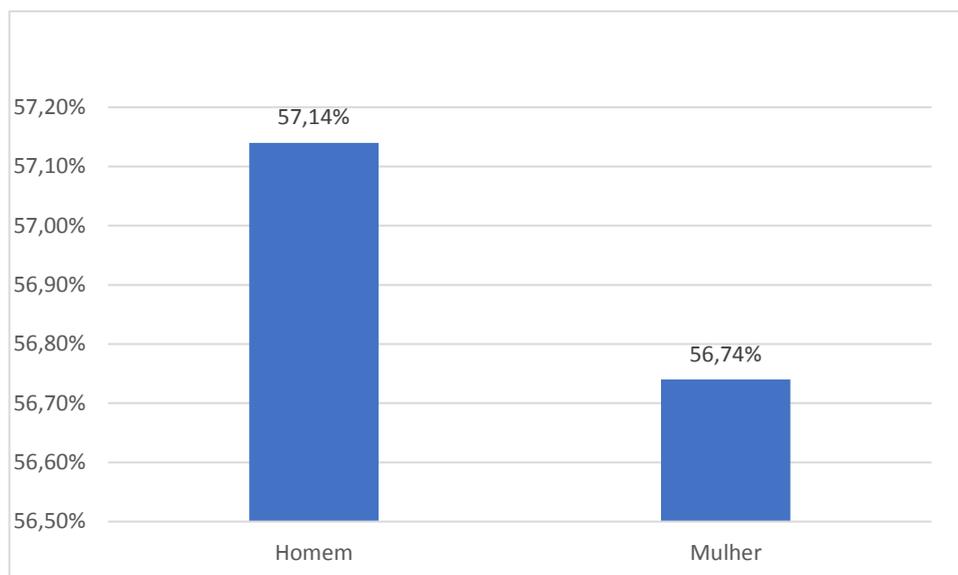


GRÁFICO 2- Taxa de evasão por gênero

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

O gênero parece não apresentar influência sobre a decisão de evadir, a evasão parece não se apresentar como uma característica preferencialmente masculina ou feminina. Como pode-se observar por meio do gráfico 2, as taxas de evasão permanecem praticamente no mesmo patamar: 57,14% para os homens e 56,74% para as mulheres. Ao realizar o teste³ de diferença de proporções, cujos resultados estão detalhados no apêndice A, pode-se observar que estatisticamente a taxa de evasão das mulheres não difere da taxa de evasão dos homens.

É possível observar através dos dados apresentados na tabela 3 que, em geral, o curso é composto por acadêmicos com faixa etária entre 17 a 26 anos (75,16%), e apenas 1,04% pertencem a faixa etária entre 47 a 54 anos.

Tabela 3- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por idade de ingresso no curso

Idade de ingresso		Todos os alunos	Alunos que evadiram	Alunos que não evadiram
17	26 anos	75,16%	67,03%	85,92%
27	36 anos	21,29%	29,31%	10,68%
37	46 anos	2,51%	2,56%	2,43%
47	54 anos	1,04%	1,1%	0,97%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

³ Teste de duas amostras de proporção com variável dummy

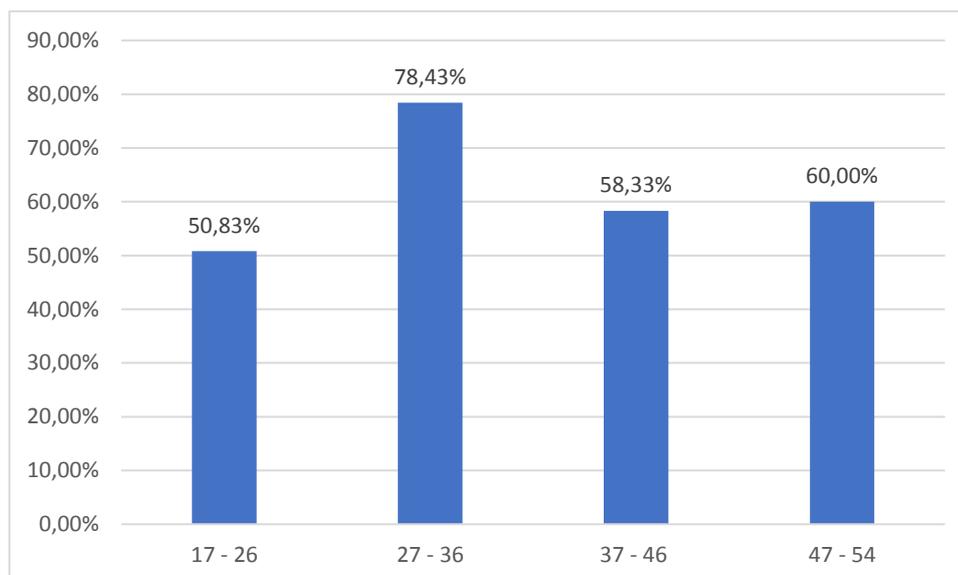


GRÁFICO 3- Taxa de evasão por faixa de idade dos alunos

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Com base na tabela 3 e no gráfico 3, percebe-se que uma maior taxa de evasão está associada aos acadêmicos com faixa etária entre 27 a 36 anos, correspondendo a 78,43%, seguidos dos alunos com faixa etária entre 47 a 54 anos, que apresentam uma taxa de evasão de 60%. Uma possível explicação para esses resultados poderia ser o fato de os alunos dessas faixas etárias já terem uma outra formação, ou que estes estejam em uma fase da vida com outras responsabilidades, como a família, por exemplo. Ou ainda, este grupo de alunos pode já ter uma consolidação no mercado de trabalho, fazendo com que a propensão a evadir seja maior.

A próxima variável a ser trabalhada é a condição de deficiência do aluno, considerando que há vagas reservadas para PCD⁴ nos vestibulares.

Tabela 4- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas por condição de deficiência

Pessoa com deficiência	Todos os alunos	Alunos que evadiram	Alunos que não evadiram
Sim	1,37%	1,71%	0,98%
Não	98,63%	98,29%	99,02%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

4 PCD: Pessoa com deficiência

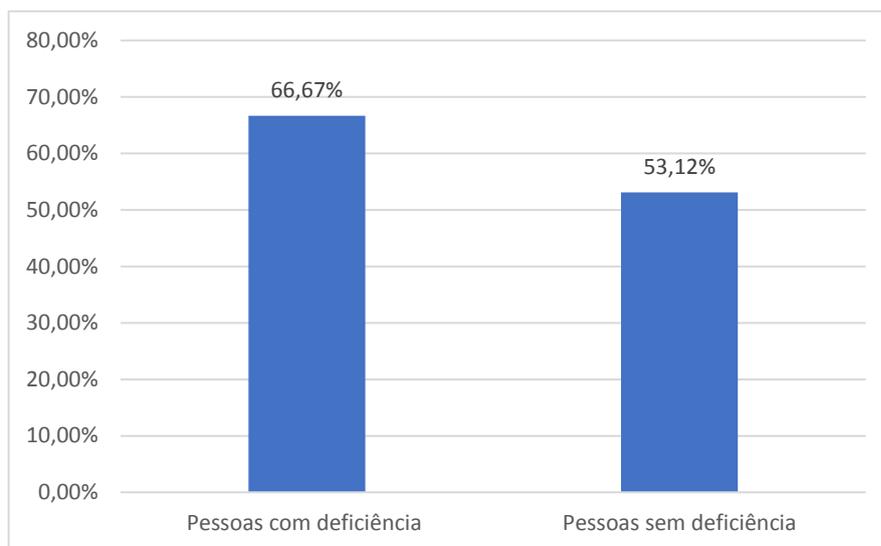


GRÁFICO 4- Taxa de evasão por condição de deficiência

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Os dados apontam que o aluno portador de algum tipo de deficiência apresenta uma maior propensão a evadir. Embora representem apenas 1,37% dos acadêmicos do curso, a taxa de evasão foi de 66,67% entre os portadores de deficiência, conforme mostra o gráfico 4. Mesmo com o resultado observado, tanto na tabela 4 quanto no gráfico 4, o teste de proporção mostrou que a taxa de evasão de alunos deficientes não difere estatisticamente da taxa de evasão de alunos não deficientes.

Seguindo as análises, observa-se na tabela 5 as formas de ingresso do aluno no Curso de Economia. O vestibular continua sendo a principal forma de entrada dos universitários (67,85%), seguido pelo Enem (13,99%), e por outra forma de seleção (24,40%), que segundo os dicionários de dados do Censo da Educação Superior classificam-se em: avaliação seriada, seleção simplificada, vagas remanescentes, vagas para programas especiais, transferência *ex officio* e decisão judicial.

Tabela 5- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo com as formas de ingresso

Formas de ingresso	Todos os alunos	Alunos que evadiram	Alunos que não evadiram
Vestibular	67,85%	64,47%	72,33%
Enem	13,99%	8,79%	20,87%
Outra forma de seleção	24,40%	30,91%	12,07%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

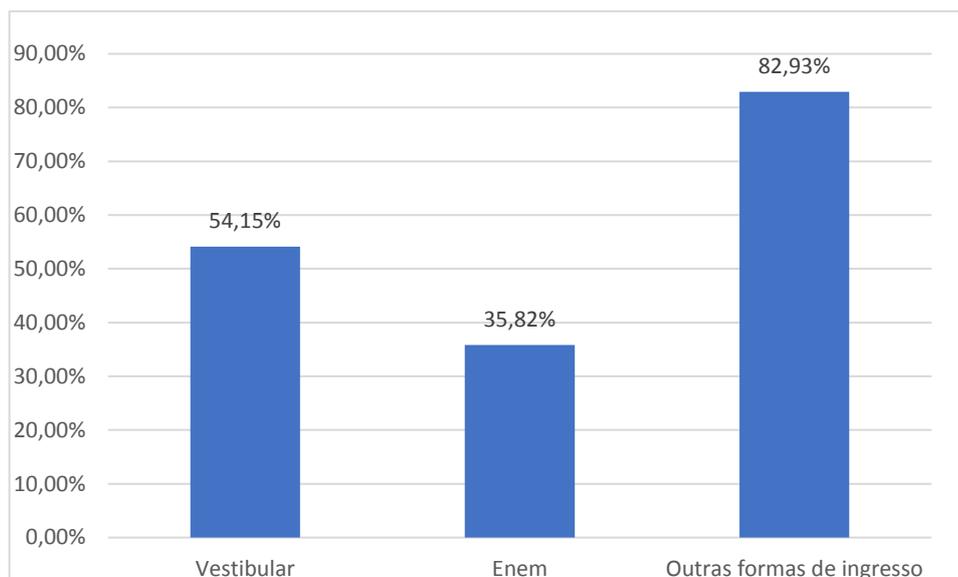


GRÁFICO 5- Taxa de evasão por forma de ingresso

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Por meio da tabela 5 e do gráfico 5, verifica-se que há uma taxa de evasão maior entre os alunos que ingressaram por outra forma de seleção (82,93%). Já os alunos que entraram pelo Enem, ainda que venham de outros Estados do Brasil, têm maior propensão a ficar no Curso.

Realizando o teste de diferença de proporções para as variáveis Vestibular, Enem e Outra forma de seleção, percebe-se que a taxa de evasão de quem entrou pelo Vestibular não difere da taxa de evasão de quem não entrou pelo vestibular. Já a taxa de evasão daqueles que ingressaram pelo Enem difere daqueles que não entraram pelo Enem: a taxa de evasão dos acadêmicos que não entraram pelo Enem foi de 60,44%⁵, enquanto que daqueles que entraram pelo Enem foi de apenas 35,82%. A taxa de evasão dos acadêmicos que entraram por outra forma de seleção (82,93%) também difere estatisticamente da taxa de evasão dos que não ingressaram por essas outras formas (59,84%).

No caso dos alunos que entraram por outra forma de seleção, seria necessário um estudo específico para saber qual é o perfil desses alunos, visto que não fica claro em que momento do curso esses acadêmicos entram e quais os procedimentos são utilizados para essa seleção.

De acordo com a tabela 6, no geral são poucos alunos que participam das atividades extracurriculares ofertadas pela faculdade: 4,38% dos acadêmicos fizeram estágio durante o

⁵ Os resultados para os casos contrários serão apresentados nas tabelas do apêndice A.

curso, 3,97% participaram de pesquisas, 1,04% participaram de projetos de extensão e 3,34% participaram de monitorias.

A participação dos alunos em atividades extracurriculares proporcionadas pela Universidade parece ter uma influência positiva para permanência no curso. Nesse contexto, percebe-se a importância dos projetos desenvolvidos pelos professores que propiciam uma maior participação dos acadêmicos em assuntos que normalmente são vistos na teoria em sala de aula.

Os investimentos em projetos e pesquisas, além do incentivo aos acadêmicos que participam de monitorias, contribuindo com o trabalho do professor em sala de aula, são de extrema importância, pois criam um vínculo maior do acadêmico com o curso e com a instituição. No curso de Ciências Econômicas não há exigência do estágio obrigatório, porém, muitos acadêmicos realizam algum tipo de estágio dentro ou fora da instituição para complementação de carga horária em atividades, ou mesmo para ajudar nos seus gastos com a faculdade.

De acordo com o gráfico 6, alunos que participaram de projetos de extensão e monitoria não deixaram o curso. No caso dos acadêmicos que participaram de atividades de pesquisa, apenas 5,26% evadiram, e observa-se uma maior taxa de evasão associada aos alunos que fizeram estágio durante a graduação, 19,05%.

Tabela 6- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo a participação nas atividades do curso

Atividade Extracurricular	Todos os alunos	Alunos que evadiram	Alunos que não evadiram
Pesquisa	3,97%	0,37%	8,74%
Extensão	1,04%	0%	2,43%
Monitoria	3,34%	0%	7,77%
Estágio	4,38%	1,47%	8,25%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

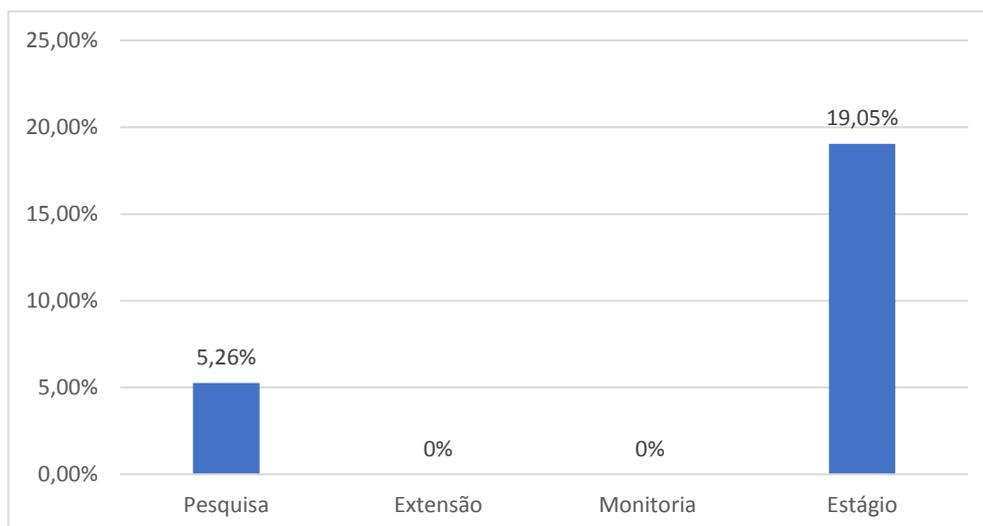


GRÁFICO 6- Taxa de evasão dos alunos que participaram de atividades extracurriculares

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Os testes de diferença de proporções para as variáveis Pesquisa, Extensão, Monitoria e Estágio mostraram que as taxas de evasão de quem participou de uma dessas atividades extracurriculares difere estatisticamente das taxas de evasão daqueles que não participaram, tornando-os aspectos positivos para permanência no curso. Os alunos que não participaram de projetos de pesquisa apresentaram uma taxa de evasão de 59,13%, os que não participaram de projetos de extensão tiveram uma taxa de evasão de 57,59%, os que não participaram de monitoria contam com uma taxa de evasão de 58,96%, e os estudantes que não fizeram estágio alcançaram uma taxa de 58,73%.

Como citado na revisão de literatura, a UFGD possui os programas de assistência estudantil que buscam contribuir para a permanência dos alunos em situação de vulnerabilidade na Universidade. Os dados apresentados evidenciam a importância desses programas para a permanência do aluno, pois muitos não são da cidade de Dourados e acabam recorrendo a esses programas para conseguir auxílios básicos que ajudam a suprir os gastos com alimentação, moradia, transporte e outras necessidades.

A tabela 7 mostra que os auxílios mais recebidos são o Auxílio Alimentação (98,10%) e a Bolsa Permanência (10,34%), com menos incidência, mas não menos importantes, estão o Auxílio Moradia (2,11%) e o Auxílio Transporte (1,05%).

Tabela 7- Distribuição dos alunos do curso de Ciências Econômicas de acordo com auxílios recebidos durante o curso

Auxílio	Todos os alunos	Alunos que evadiram	Alunos que não evadiram
Alimentação	98,10%	96,64%	100%
Transporte	1,05%	0,75%	1,46%
Moradia	2,11%	1,12%	3,40%
Bolsa permanência	10,34%	3,73%	18,93%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

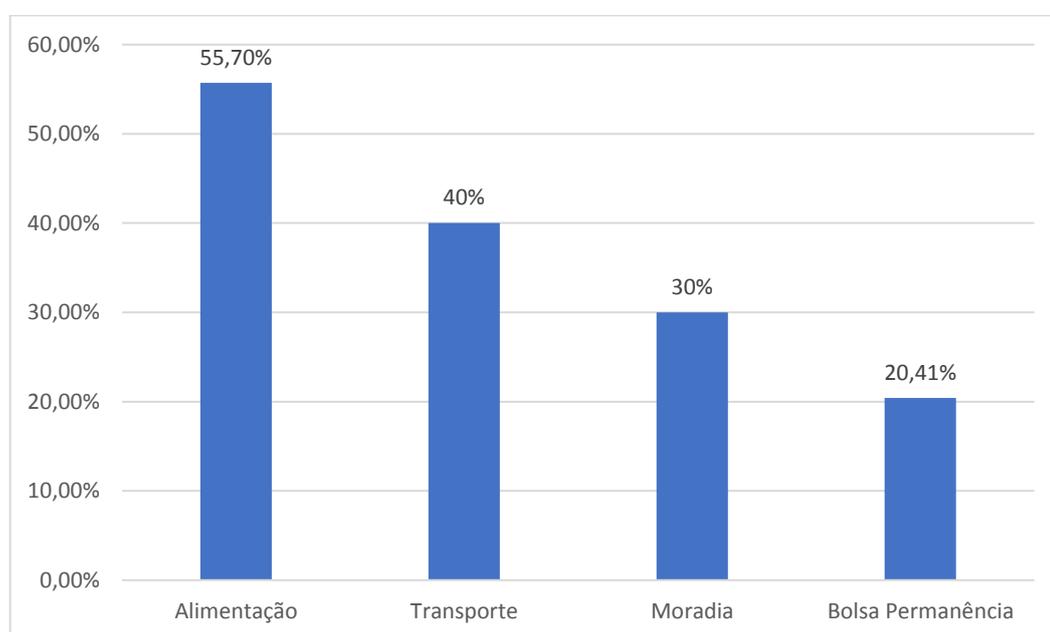


GRÁFICO 7- Taxa de evasão entre os alunos que recebiam auxílios

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

No gráfico 7 está descrita a distribuição dos alunos que recebiam algum tipo de auxílio por situação de evasão. Fica evidente que uma maior proporção está relacionada aos acadêmicos que recebiam o auxílio alimentação (55,70%), por ser um auxílio concedido a maioria dos alunos. A menor proporção está relacionada aos acadêmicos que recebiam a Bolsa Permanência (20,41%).

É importante destacar que a Bolsa Permanência tem um papel fundamental, propiciando uma segurança financeira para os acadêmicos que passam pela avaliação socioeconômica e são contemplados, buscando reduzir a evasão em razão da situação econômica.

Através do teste de diferença de proporções, nota-se que as taxas de evasão entre os alunos que recebiam Auxílio Transporte e Auxílio Moradia não diferem das taxas de evasão dos acadêmicos que não recebiam esses auxílios. No entanto, os acadêmicos que recebiam Auxílio Alimentação e Bolsa Permanência apresentaram taxas de evasão estatisticamente diferentes das taxas de evasão daqueles que não recebiam esses auxílios. No caso dos acadêmicos que não recebiam Auxílio Alimentação, a taxa de evasão foi de 100%, lembrando que 98,10% do total de alunos do curso recebiam auxílio alimentação. E em relação ao recebimento de Bolsa Permanência, a taxa de evasão daqueles que não recebiam o auxílio foi de 60,17%, taxa bastante superior quando comparada à taxa de 20,41% associada aos alunos que recebiam a Bolsa Permanência.

Os resultados apresentados até o momento já permitem identificar o perfil acadêmico dos estudantes que evadiram do curso de Economia, entre os anos de 2009 a 2016. Em suma, a maior proporção de alunos que deixaram o curso estava nos primeiros anos e na faixa etária de 27 a 36 anos. Uma maior taxa de evasão foi identificada entre os acadêmicos que entraram no Curso por outra forma de seleção (que não o Vestibular e o Enem), e a proporção de alunos que evadiu é maior entre aqueles que não se envolveram em atividades extracurriculares durante o período que estavam na Universidade - mesmo com um baixo índice de participação em pesquisa, extensão, monitoria e estágio, os alunos que desenvolveram essas atividades foram menos propensos a evadir.

É perceptível que o mesmo acontece com os acadêmicos que recebiam auxílio estudantil da instituição: aqueles que recebiam Auxílios Alimentação ou Bolsa Permanência apresentaram taxas de evasão menores do que aqueles que não recebiam esses auxílios. Dessa forma, infere-se que uma participação mais ativa nas atividades extracurriculares proporcionadas pela faculdade, bem como o recebimento dos auxílios garantidos pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) contribuem para a redução da evasão e incentiva a permanência do acadêmico no curso.

Os maiores obstáculos são observados nos primeiros anos do curso, na forma de ingresso e na questão da faixa etária desses alunos que optaram por desistir do curso.

4.2 Análise da Evasão por meio da pesquisa qualitativa

O objetivo principal do questionário aplicado foi identificar mais detalhadamente os motivos que levaram os acadêmicos a abandonar o Curso, complementando assim as análises possibilitadas pelos microdados do Censo da Educação Superior. A estratégia foi permitir que

o participante respondesse questões abertas sobre suas impressões do Curso e as causas da sua desistência. Contudo, apenas 9% dos alunos que evadiram responderam ao questionário enviado, o que representa apenas 22 pessoas de um total de 240. Dessa forma, os resultados devem ser interpretados com bastante cautela, já que a amostra não é aleatória.

Nessa seção serão apresentados os resultados obtidos a partir dessa amostra de 22 respondentes. A amostra é composta por 77,3% de egressos do sexo masculino e apenas 22,7% do sexo feminino, mais da metade dos egressos estudaram somente em escola pública durante o ensino médio (68,2%), 18,2% estudaram apenas em escola particular, 9,1% estudaram maior parte em escola particular e 4,5% estudaram a maior parte em escola pública.

Em relação ao principal motivo para a escolha do Curso, 59,1% responderam que fizeram essa escolha porque gostam da área em que se insere o curso, 18,2% fizeram a escolha pelas oportunidades no mercado de trabalho, 9,1% fizeram a escolha por influência dos pais, professores e amigos, e em menores proporções estão os estudantes que escolheram o Curso baseados em falta de opção/finalidade (4,5%), outras visitas à UFGD (4,5%). Vale também destacar que, em resposta aberta, um aluno evadido considerou a escolha como uma opção por ser no período noturno, o que permitiria ter uma ocupação profissional durante o dia, o que se torna inviável em cursos de período integral.

Perguntados se houve dúvidas no momento de fazer a escolha do curso, 59,1% responderam que sim, e 40,9% não tiveram dúvidas. Indagados sobre o principal motivo para o abandono do Curso, ocorreram respostas distintas que serão elencadas em sequência: a) distância de onde moravam e a faculdade; b) não conseguiram conciliar trabalho e estudos; c) não se identificaram com a área do curso; d) outras responsabilidades/atividades; e) dificuldades de locomoção/meio de transporte; f) problema financeiro; g) falta de estrutura para se manter no curso; g) mudança de cidade; h) tempo de conclusão muito extenso; i) greve na Universidade; j) conseguiu vaga em outra Universidade, mais próxima de sua residência.

Entre os acadêmicos que precisaram exercer atividade remunerada, 54,5% indicaram que essa condição influenciou na decisão de evadir e 36,4% indicaram que isso não influenciou na sua decisão. Apenas 9,1% não exercia atividade remunerada enquanto estavam no Curso. Antes de tomar a decisão de abandonar o curso, 22,7% dos estudantes conversaram com amigos e/ou família, 4,5% conversaram com colegas do curso, 4,5% conversaram com o coordenador do curso, e a maioria (68,2%) decidiu sozinho.

Com o intuito de saber se os alunos tinham conhecimento sobre as normas do Curso e sobre a UFGD, essa questão foi inserida e 50% indicaram que receberam parcialmente instruções e normas sobre o Curso e sobre a UFGD, 31,8% afirmaram que sim e 18,2% responderam que não. Perguntados se estavam satisfeitos com o curso de Economia, 50% responderam que sim, 36,4% indicaram que não estavam satisfeitos, mas que isso não influenciou na decisão de evadir, enquanto que 13,6% dos acadêmicos não estavam satisfeitos e isso influenciou na decisão de evadir.

E quando questionados sobre qual aspecto gerava insatisfação, as respostas foram as seguintes: a) não me via trabalhando na profissão; b) os conteúdos ministrados não atenderam às expectativas; c) dificuldade de adaptação ao ritmo da Universidade e d) não estava satisfeito com o rendimento acadêmico.

Corroborando com os dados do Censo da Educação Superior, a maior parte dos alunos ingressaram através do vestibular (72,7%), (4,5%) ingressaram pelo SISU, e (22,7%) como portadores de diploma. Em relação ao conhecimento e utilização dos programas de permanência estudantil da UFGD, 50% alegaram que não utilizaram porque desconheciam essa assistência, 45,5% não utilizaram mas conheciam os programas, e apenas 4,5% utilizaram os programas de assistência estudantil. Os alunos que utilizaram avaliaram os programas como bons e/ou satisfatórios.

A partir de uma pergunta sobre a continuidade dos estudos dos acadêmicos que evadiram, as respostas foram distintas: 45,5% afirmaram que não ingressaram em outro curso, 36,4% afirmaram que ingressaram em outro curso em instituição particular, 9,1% ingressaram no mesmo curso em instituição pública federal e/ou estadual, 4,5% ingressaram no mesmo curso em instituição particular, e 4,5% ingressaram em outro curso em instituição pública federal e/ou estadual.

Para finalizar, os respondentes foram indagados novamente sobre os fatores que contribuíram para o abandono do curso, com alternativas de respostas e a possibilidade de responder de forma aberta, para analisar se haveria divergência entre as respostas fornecidas desde o início do questionário. Constatou-se que 27,3% tiveram dificuldade de adaptação à cidade onde se localiza o Curso no qual ingressou e 13,6% demonstraram insatisfação com as perspectivas do mercado de trabalho do Curso. No mais, as respostas se repetem como descrito anteriormente na questão da motivação para desistência do curso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a evasão acadêmica no curso de Ciências Econômicas da UFGD, especificamente no que diz respeito ao número de alunos que desistiram do curso desde a sua criação. A ideia foi acompanhar como se deu essa evolução da evasão até o ano de 2016, e ainda identificar os fatores que levaram os estudantes a abandonar essa graduação.

Para tanto, foram utilizados os dados do Censo da Educação Superior como fonte principal, além da aplicação de um questionário para a complementação da pesquisa. A metodologia utilizada se baseou no cálculo da Taxa de Desistência Anual (Tada), e uma análise descritiva de variáveis disponíveis no banco de dados do Censo da Educação Superior, para identificar o perfil dos alunos que evadiram. A verificação dos resultados obtidos foi feita através do teste de diferença de proporções. Para finalizar, utilizou-se um questionário próprio, com perguntas sobre a vida acadêmica e pessoal do estudante que já evadiu, com objetivo de entender de forma mais detalhada o que de fato motivou a sua saída do curso.

Os principais resultados evidenciaram que a evasão ocorre com maior frequência nos anos iniciais do Curso, o que reforça a hipótese de que o aluno não se identifica com as disciplinas logo de início, ou mesmo percebe que não fez a escolha certa e opta pela desistência. O gênero não apresentou influência significativa para a decisão de abandonar o curso. Apesar de o curso ser composto por uma maioria de homens, as taxas de evasão entre homens e mulheres não diferem estatisticamente.

Em relação a faixa etária, os acadêmicos que tinham entre 27 a 36 anos apresentaram uma taxa de evasão maior. E em relação a forma de ingresso do acadêmico no curso, percebeu-se que uma maior taxa de evasão está relacionada aos acadêmicos que entraram por outra forma de seleção, o que pode ser motivado pelo aluno já ter uma graduação. Os alunos que ingressaram pelo Enem apresentaram uma taxa de evasão menor, ao contrário do que se esperava, porque a maioria dos alunos que são aprovados pelo Enem são de outras cidades e acabam se mudando para Dourados para frequentar o curso, o que poderia ser um agravante para a desistência do curso se o aluno não tivesse estrutura para permanecer na cidade ou até mesmo problemas financeiros.

As atividades extracurriculares se apresentaram como pontos positivos para decisão de permanecer no curso, visto que os acadêmicos que se envolveram em atividades de pesquisa, extensão, monitoria e estágio apresentaram taxas de evasão menores do que aqueles não se envolveram em nenhuma dessas atividades. Conclui-se a partir disso, que a continuidade dos

projetos ofertados pela Universidade e desenvolvidos pelos docentes pode contribuir para a redução da taxa de evasão dos alunos envolvidos.

Analisando a efetividade dos programas de assistência estudantil para redução da evasão acadêmica, notou-se que o recebimento de auxílios como a Bolsa Permanência impacta positivamente na vida acadêmica do aluno, pois dá suporte financeiro e estrutura para que os acadêmicos permaneçam na Universidade.

Considerando a pesquisa qualitativa, mesmo que a amostra não garanta a representatividade da população, pode-se ter uma visão mais ampla do assunto e complementar dos resultados quantitativos. As principais informações obtidas por meio da aplicação do questionário aos alunos que já evadiram foram de que os motivos que os levaram a desistência do Curso são mais de cunho externo à instituição. Foram relatados motivos como, por exemplo, distância da universidade e o local onde residiam, impossibilidade de conciliar estudos e trabalho, outras responsabilidades/atividades, não se identificaram com as disciplinas e/ou área do curso.

Com base nas informações coletadas a partir do questionário, foi possível observar que os motivos que influenciaram na decisão de abandonar o curso são externos à universidade, como citado anteriormente. Ou seja, o questionário pode ter sido respondido pelos ex-alunos que de fato estavam satisfeitos com o curso, mas que por motivos alheios a sua vontade desistiram do mesmo. Considerando que há uma maior dificuldade em propor políticas de permanência para acadêmicos nessas condições, devido a problemas de cunho pessoal, sugere-se uma ampliação na divulgação dos programas de assistência estudantil ofertados pela Universidade, com objetivo de que os alunos tenham acesso a informação e busquem alternativas antes de decidir abandonar o curso.

A limitação encontrada durante a realização da pesquisa foi justamente o baixo índice de participação dos ex-alunos no preenchimento do questionário. Como se trata de uma amostra pequena e não aleatória, não é possível generalizar as informações apresentadas para a população estudada. Entretanto, a pesquisa abre espaço para novos estudos na área, que é de extrema importância, dado o alto índice de evasão diagnosticado no curso de Ciências Econômicas.

Uma taxa de evasão de 56,99% reforça a importância de uma análise estrutural do problema, visto que os dados do Censo da Educação Superior mostraram, de forma mais objetiva, as características dos acadêmicos que decidiram evadir do curso. Levando-se em consideração que uma taxa de evasão maior está relacionada aos estudantes dos primeiros anos do curso, com idade entre 27 a 36 anos e que ingressaram no curso por outras formas que

não seja vestibular e Enem, a sugestão de intervenção proposta é de que o Curso, constituído pelo corpo docente e coordenação, incentivem a participação dos alunos nas atividades extracurriculares da faculdade, que servem para agregar e fixar conhecimentos, além de fomentar o interesse do aluno pelas disciplinas e pelo mercado de trabalho do economista.

Se o aluno evade logo no início, seja porque teve dúvidas no momento de escolher o Curso ou se defrontou com dificuldades nas disciplinas, é necessário criar mecanismos que influenciem a permanência desse aluno. Uma sugestão seria a realização de minicursos/palestras e atividades mais dinâmicas envolvendo alunos e professores. Por se tratar de um curso noturno, percebe-se que há muitos alunos que trabalham durante o dia e o tempo para se dedicar aos estudos acaba sendo reduzido e isso é evidenciado pelas respostas do questionário. É um caminho de duas vias, o aluno precisa demonstrar interesse e os professores precisam ter essa visão mais ampla de qual é o perfil dos acadêmicos e quais mecanismos teriam maior efetividade para que esses alunos tenham uma melhor experiência universitária.

Além das propostas já mencionadas, considerando que o peso da má escolha da formação pode acarretar em prejuízos tanto para o aluno quanto para a instituição, visto que essa desistência gera vaga ociosa, isso indica a necessidade de elaboração de um projeto ou programa de orientação vocacional. Esta orientação vocacional, voltada principalmente aos alunos do ensino médio, poderiam ser incorporadas a programas já existentes, como o projeto Faculdades Abertas, promovido pela UFGD. Além de uma maior integração da Universidade com as escolas, empresas, e outras instituições promovendo a divulgação do Curso e possibilitando que os acadêmicos que já estão na graduação conheçam as possibilidades do mercado de trabalho após a formação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Vicente de Paula; PEDROSA, Pedro Antônio Estrella. FUNDO DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL (FIES): VICISSITUDES E DESAFIOS. **Repositório do Conhecimento do Ipea**, [s.l.], p.37-41, dez. 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8839>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo; BARROS, Leonardo de Oliveira. Relações entre evasão, satisfação com escolha profissional, renda e adaptação de universitários. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo - Sp, v. 20, p.254-267, ago. 2018. Trimestral. Disponível em: <<http://web.a.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=3&sid=83574c52-b110-4f3f-b155-eecc5b9614%40sessionmgr4008>>. Acesso em: 16 set. 2018.

BAGGI, Cristiane Aparecida dos Santos; LOPES, Doraci Alves. EVASÃO E AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NO ENSINO SUPERIOR: UMA DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA. **SciELO**, Campinas, v. 16, n. 2, p.355-374, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v16n2/a07v16n2.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

BARBOSA, João Paulo Gomes et al. A ADOÇÃO DO SISU E A EVASÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, Araraquara - Sp, v. 12, p.722-738, jun. 2017. Trimestral. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8352>>. Acesso em: 16 set. 2018.

BARROSO, Marta Feijo; FALCÃO, Eliane Brigida Moraes. Evasão universitária: O caso do Instituto de Física da UFRJ. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física, 9, 2004, Jaboticatubas. **Anais...** Jaboticatubas, Mg: Ufmg, 2004. v. 9, p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/dados/epef/_evasaouniversitariaocaso.trabalho.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2018.

BRASIL, Decreto n.9394, de 20 de dez. de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de fev. de 2019

BRASIL, Decreto n.7234, de 19 de jul. de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em 16 set. 2018

CAPITAL HUMANO E CRESCIMENTO ECONÔMICO. Campo Grande: **Interação**, v. 11, n. 2, jul. 2010. Semestral.

CARMO, Erinaldo Ferreira et al. Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s.l.], v. 95, p.304-327, ago. 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812014000200004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 08 jul. 2018.

CUNHA, Jacqueline Veneroso Alves da; NASCIMENTO, Eduardo Mendes; DURSO, Samuel de Oliveira. Razões e influências para a evasão universitária: Um estudo com estudantes ingressantes nos cursos de Ciências Contábeis de instituições Públicas Federais da região sudeste. **Advances In Scientific And Applied Accounting**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.141-161, 31 ago. 2016. Semestral. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis (ANPCONT). <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2016090202>.

CRUZ, Andreia Gomes da; HOURI, Monica Souza. Centralidade de ações de permanência para combater a evasão na educação superior. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-graduação em Educação**, [s.l.], v. 11, n. 19, p.173-187, 31 jul. 2017. Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. <http://dx.doi.org/10.19177/prppge.v11e192017173-187>.

DIOGO, Maria Fernanda et al. Percepções de coordenadores de curso superior sobre evasão, reprovações e estratégias preventivas. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), [s.l.], v. 21, n. 1, p.125-151, mar. 2016. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-40772016000100007>.

FALCÃO, Andreia Sartori; AMARAL, Sérgio Tibiriça. HISTÓRICO SOBRE O DIREITO DA EDUCAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS. **Etic - Encontro de Iniciação Científica**, Presidente Prudente, v. 10, p.1-20, out. 2010. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/4177>>. Acesso em: 09 maio 2019.

GUIMARÃES, Adriana Moura; MONSUETO, Sandro Eduardo. **Determinantes da Evasão nos Cursos de Graduação da FACE - UFG**. Texto para discussão n.061, Curso de Ciências Econômicas – UFG, Goiânia, 2017. Disponível em: ><https://www.face.ufg.br/economia/noticia/td-061-determinantes-da-evasio-nos-cursos-de-graduacao-da-face-ufg><

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO T EIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2016**. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 14. 06. 2018

KAROLCZAK, Maria Eloisa; SOUZA, Yeda Swirski. RECURSOS HUMANOS PARA A ECONOMIA DO CONHECIMENTO NA ÓTICA DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO. **Revista Alcance**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.066-80, 11 maio 2017. Editora UNIVALI. <http://dx.doi.org/10.14210/alcance.v24n1.p066-080>.

LOBO, Roberto Leal; SILVA FILHO,. A Evasão No Ensino Superior Brasileiro – Novos Dados. **Instituto Lobo**, São Paulo, p.1-6, out. 2017. Disponível em: <http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art_088.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

MACIEL, Carina Elisabeth; LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos; GIMENEZ, Felipe Vieira. Políticas e permanência para estudantes na educação superior. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, [s.i.], v. 32, p.759-781, dez. 2016. Quadrimestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/68574>>. Acesso em: 16 set. 2018.

MCCOWAN, Tristan. A base conceitual do direito universal à educação superior The conceptual basis of the universal right to higher education. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 20, p.155-182, 2015. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3655/pdf_440>. Acesso em: 07 jul. 2018.

NAGAI, Nathália Prochnow; CARDOSO, André Luís Janzkovski. A EVASÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE ALÉM DOS NÚMEROS. **Revista Estudo & Debate**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.193-215, 25 abr. 2017. Editora Univates. <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-036x.v24i1a2017.1271>.

VIANA, Giomar; LIMA, Jandir Ferrera de. Capital humano e crescimento econômico. **Interações (campo Grande)**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.137-148, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1518-70122010000200003>.

VITELLI, Ricardo Ferreira; FRITSCH, Rosângela. Evasão escolar na educação superior: de que indicador estamos falando?. **Estudos em Avaliação Educacional**, [s.l.], v. 27, n. 66, p.908-937, 22 dez. 2016. Fundação Carlos Chagas. <http://dx.doi.org/10.18222/ea.v27i66.4009>.

APÊNDICE A – TABELAS DOS TESTES DE DIFERENÇAS DE PROPORÇÕES

Tabela A1- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com o gênero

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Mulher	177	0,565	0,037	
Homem	302	0,573	0,029	
Diferença		0,008	0,047	0,17

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A2 - Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão entre os alunos com deficiência

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Deficiente	6	0,667	0,192	
Não deficiente	433	0,531	0,024	
Diferença		-0,135	0,194	-0,66

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A3 - Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão por situação de ingresso

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Vestibular	325	0,541	0,027	
Outra	154	0,623	0,039	
Diferença		0,088	0,048	1,82

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A4- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão por situação de ingresso

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Enem	67	0,358	0,058	
Outra	412	0,604	0,024	
Diferença		0,246	0,063	3,77

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A5- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão por situação de ingresso

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Outra forma de seleção	82	0,829	0,041	
Outra	254	0,598	0,030	
Diferença		-0,230	0,051	-3,82

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A6- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com a participação em projeto de pesquisa

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Participou de pesquisa	19	0,052	0,051	
Não participou	460	0,591	0,023	
Diferença		0,538	0,056	4,65

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A7- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com a participação em projeto de extensão

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Participou de projeto	5	0	0	
Não participou	474	0,576	0,022	
Diferença		0,576	0,022	2,59

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A8- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com participação em monitoria

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Participou de monitoria	16	0	0	
Não participou	463	0,589	0,023	
Diferença		0,589	0,023	4,68

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A9 - Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com a participação em Estágio

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Fez estágio	21	0,190	0,085	
Não fez	458	0,587	0,023	
Diferença		0,396	0,088	3,59

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A10 - Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com recebimento de auxílio alimentação

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Recebia Aux. Alimentação	465	0,557	0,023	
Não recebia	9	1	0	
Diferença		0,443	0,023	2,66

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A11- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com recebimento de auxílio transporte

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Recebia Aux. Transporte	5	0,4	0,219	
Não recebia	469	0,567	0,023	
Diferença		0,167	0,220	0,75

Tabela A12- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com recebimento de auxílio moradia

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Recebia Aux. Moradia	10	0,3	0,145	
Não recebia	464	0,571	0,023	
Diferença		0,271	0,146	1,71

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

Tabela A13- Teste de diferença de proporções para a taxa de evasão de acordo com recebimento da bolsa permanência

Grupo	Observações	Média	Erro Padrão	Estatística Z
Recebia Bolsa Permanência	49	0,204	0,057	
Não recebia	425	0,607	0,023	
Diferença		0,402	0,062	5,39

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Censo da Educação Superior

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO⁶ PARA EX-ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UFGD

1 – Você é um (a) estudante do sexo:

- Feminino Masculino

2 – Onde você cursou o ensino médio?

- Somente em escola pública
 Maior parte em escola pública
 Somente em escola particular
 Maior parte em escola particular
 Outra:

3 – Qual o principal motivo que o (a) levou a escolher o curso de Economia?

- Pelas oportunidades no mercado de trabalho
 Influência dos pais, professores e amigos
 Gosta da área em que se insere o Curso
 Informações sobre o curso: meios de comunicação ou palestras
 Feira das Profissões
 Outras visitas à UFGD
 Outra:

4 - No momento da escolha, você teve dúvidas se escolheria esse Curso?

- Sim
 Não

5 - Qual o principal fator o(a) levou a abandonar o curso?

6 – Você precisou exercer alguma atividade remunerada durante o curso?

- Sim, e isso influenciou na minha decisão de abandonar o curso
 Sim, mas isso não influenciou na minha decisão de abandonar o curso
 Não

7 - Antes de tomar a decisão de abandonar o curso, você chegou a conversar com alguém?

- Não. Decidi sozinho(a)
 Sim. Conversei com amigos e/ ou familiares

⁶ Baseado no questionário aplicado pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

Sim. Conversei com outros colegas do curso

Sim. Conversei com o coordenador e/ ou professores do curso

8 - A ingressar na FACE, você recebeu instruções e normas sobre o curso e sobre a UFGD?

Sim

Não

Parcialmente

9 - Você estava satisfeito (a) com o Curso de Economia?

Sim

Não, mas isso não influenciou na minha decisão de abandonar o curso

Não, e isso influenciou na minha decisão de abandonar o curso

Se a sua resposta foi "Não, e isso influenciou na minha decisão de abandonar o curso", qual aspecto gerava insatisfação?

Estrutura do curso

Infraestrutura de ensino deficiente

Falta de suporte acadêmico e pedagógico

Os conteúdos ministrados não atenderam às minhas expectativas

Dificuldade de adaptação ao ritmo da Universidade

Não estava satisfeito com o meu rendimento acadêmico

Outra:

10 – Você ingressou na UFGD de qual forma?

Vestibular

SISU

Como portador de diploma

Outra:

11 – Você utilizou os programas de permanência estudantil da UFGD?

Sim

Não utilizei porque não conhecia os programas de permanência estudantil da UFGD

Não utilizei, mas conhecia os programas de permanência estudantil da UFGD

Se sua resposta anterior foi sim, como você os avalia?

Excelentes

Bons

- Satisfatórios
- Insatisfatórios

12 – Você foi aprovado e ingressará/ingressou em outro curso de nível superior?

- Sim, o mesmo curso em Instituição Pública: Federal ou Estadual
- Sim, o mesmo curso em Instituição Particular
- Sim, outro curso em Instituição Pública: Federal ou Estadual
- Sim, outro curso em Instituição Particular
- Não

13 – Qual o principal fator que contribuiu para o abandono do curso?

- Baixo reconhecimento da profissão do curso no qual ingressei
- Insatisfação com as perspectivas do mercado de trabalho do curso
- Dificuldades de adaptação à cidade onde se localiza o curso no qual ingressei
- Outra: